



**Etnografia do criptocabalismo na cultura nordestina:
Análise das referências cabalísticas no *Romance d'A Pedra do Reino*
e em outras fulgurações criptojudáicas no Nordeste brasileiro**

Caesar Malta Sobreira

Professor Titular de Antropologia
Universidade Federal Rural de Pernambuco
caesar@deciso.ufrpe.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as referências à Cabala no *Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, e, com isso, demonstrar a *presença-oculta* da cabala judaica na cultura nordestina, evidenciada através de estudos antropológicos e históricos relacionados aos Nordeste brasileiro. Para realizar tal objetivo, será necessário expor a história da Cabala, com uma introdução às diferentes concepções, bem como às origens, livros e mestres desta escola semissecreta do esoterismo judaico. Neste estudo procuraremos evidenciar as estratégias com as quais, operando uma metamorfose conceitual, a cabala judaica conseguiu reverberar no cristianismo e dar origem, com Pico della Mirandola e Francisco Manuel de Melo, aquilo que viria a ser denominada “cabala cristã”. Serão analisadas distintas vias pelas quais fragmentos da cabala judaica, hibridizada com sua versão cristã, teriam sido disseminados no novo mundo por três caminhos distintos: através dos cristãos-novos que povoaram o Nordeste brasileiro; através de atavismos cristãos misturados com práticas mágicas e propiciatórias presentes no catolicismo popular sertanejo; e através da influência do judaísmo sefardi durante o domínio holandês no Nordeste. Em seguida, alcançaremos o objetivo desta intervenção: analisar a obra de Ariano Suassuna intitulada *Romance d'A Pedra do Reino*, destacando as referências à cabala e interpretando as possibilidades desperdiçadas de “justificar” um mistério inexplicado – mas não inexplicável – provocando o claudicar deste romance medieval-moderno do imortal e armorial Ariano Suassuna.



Introdução

Atendendo ao honorável convite do professor doutor Marcos Silva para falar sobre um tema quase impossível, que é a Cabala no sertão nordestino, eis que me encontro diante deste repto do qual espero sair vitorioso, tornando possível aceder à consciência antropológica contemporânea mais uma prova etnográfica da presença judaica na formação etnocultural do Nordeste brasileiro.

Em primeiro lugar devemos compreender a essência da Cabala. A Cabala foi interpretada por todos os cabalistas como “um entendimento esotérico do judaísmo, que não deveria ser desvelado a um judeu comum e menos ainda a um gentio”, garante Moshe Idel, muito embora reconheça que desde o século XV apareceu uma “literatura cabalística cristã”, que nasceu em Florença com Giovanni Pico della Mirandola. Através da escola florentina, a teosofia e a maçonaria europeias foram “substancialmente influenciados pelo pensamento cabalístico.”¹

Para Moshé Idel, o mais elevado domínio de estudo, que supera até mesmo o do *Zohar*, é o conhecimento da “força espiritual das letras e sua existência e sua combinação uma com a outra” e tal conhecimento torna o cabalista capaz de “criar mundos”, afirma Idel, baseado em Cordovero.²

Gershom Scholem, por sua parte, ensina que os primeiros cabalistas, desde o século XII até a expulsão dos judeus da Espanha em 1492, “tinham pouco a acrescentar ao mito popular da redenção, pois seus espíritos estavam voltados não para o Fim dos Dias, mas para os dias primais da criação.”³

Assim, messianismo e Cabala são forças antagônicas porque enquanto o messianismo olha para o futuro desde uma perspectiva escatológica do

¹ IDEL, Moshe. Cabala: uma introdução. Em IDEL, Moshe; ASSIS, Yom Tov; SENKMAN, Leonardo; ASLANOV, Cyril; GUINSBURG, J. (Orgs). *Cabala, Cabalismo e Cabalistas*. São Paulo: Perspectiva/Universidade Hebraica de Jerusalém, 2012, p. 18.

² IDEL, op. cit., p. 39.

³ SCHOLEM, Gershom. O messianismo judeu e a ideia de progresso: exílio e redenção na Cabala. Em IDEL et al. (Orgs), op. cit., p. 51.



mundo, a Cabala olha para o passado porque é uma concepção ontológica do universo.

Aos interessados na gênese e desenvolvimento da Cabala, indicamos o capítulo 10 – intitulado “Do esoterismo judaico à filosofia europeia: um perfil intelectual da Cabala enquanto fator cultural” – do livro *Cabala: novas perspectivas*, da lavra de Moshé Idel.⁴

Idel parte da convicção segundo a qual a Cabala “emergiu como um fator histórico em fins do século XII, início do XIII, na Provença e na Catalunha”. Para ele, a Cabala “é, por definição, um corpo esotérico de especulação” que, em sua explicação teosófico-teúrgica ou em sua dimensão extática, “trata de técnicas de utilização dos nomes divinos”, cujo esoterismo está profundamente estabelecido na religião judaica.⁵

Segundo Idel, “a Cabala mágica concebia o homem como dotado de poderes superiores capazes de dominar a natureza, os anjos, os demônios e até Deus.”⁶ Sob tal perspectiva, “irrompeu na geração precedente à Expulsão da Espanha, um interesse profundo por um tipo de magia muito distinto. Mais interessada na demonologia e em encantações coercitivas para convocar demônios, anjos e até Deus”, afirma Moshe Idel, definindo o tipo de Cabala que, por caminhos ainda desconhecidos, aportou nas terras brasileiras e adentrou nos sertões nordestinos, de modo fractário e fragmentário.

Vejamos como isso aconteceu ou poderia ter acontecido.

Primeira parte: como a Cabala se infiltrou na cultura nordestina

Nosso *problema*, no sentido epistemológico, é descobrir e destacar elementos oriundos da mística judaica, denominada Cabala, na cultura popular nordestina. E, em sendo descobertos e destacados tais elementos, analisar sua permanência, pertinência e significado nesta referida cultura.

⁴ Vide IDEL, Moshe. *Cabala: novas perspectivas*. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 365-391.

⁵ IDEL, op. cit., p. 368-369.

⁶ IDEL, op. cit., p. 387.



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

É necessário descobrir possíveis linhas de contato entre fragmentos esparsos da Cabala presentes na cultura popular nordestina e a fonte original desta mística judaica. Dado que não existe – ou, se existe, ainda não foi descoberta – relação direta entre círculos cabalísticos judaicos com grupos místicos de igual inspiração no Nordeste, vamos trabalhar com hipóteses que aqui serão apresentadas em estado bruto, para posterior lapidação conceitual.

Uma primeira possibilidade de recepção dos elementos da Cabala judaica na cultura nordestina poderá ser encontrada no interior do catolicismo popular com tendências místicas de caráter messiânico-sebastianistas.

Operando uma metamorfose transconfessional, a Cabala judaica conseguiu reverberar no cristianismo através da *releitura e reinterpretção* da mística judaica realizada por círculos esotéricos e filosóficos relacionados com o neoplatonismo.

Uma das mais importantes expressões desta tendência – que é conhecida denominação antinômica de “Cabala cristã – é representada por Pico della Mirandola. No mundo lusitano essa escola teve como nome exponencial Francisco Manoel de Mello.

O primeiro, Pico Della Mirandola (1433-1499), foi o líder da Academia de Florença, na qual disseminou a ideia de provar a existência de um Deus único utilizando os recursos teológicos e filosóficos, através de uma interlocução entre a Cabala judaica e o neoplatonismo plotínico.

Nesta busca pela síntese do monoteísmo, Picco della Mirandola foi auxiliado por Marsile Ficini, no seu estudo sobre o Alcorão, e pelo médico judeu especialista em Aristóteles, Elias de Medico, além dos ensinamentos do rabino Johannan Alemanno.

Sua obra principal foi intitulada *Conclusiones Philosophicae, Cabalisticæ et Theologicae*, publicada em Roma no ano de 1486. Pico della Mirandola, no capítulo intitulado “Conclusões segundo a doutrina dos sábios cabalistas hebreus, cuja memória está para sempre no bem”, afirmou na proposição 34:



Quid intellexerit, cur sit dictum, quod Moyses abscondit faciem suam, ET quod Ezechias uertit fácies suas ad parietem, sciet que esse debeat orantis habitudo et dispositio.

[Quem entender por que se disse que Moisés escondeu o seu rosto e que Ezequias virou seu rosto para a parede, saberá quais devem ser o hábito e a disposição daquele que ora.⁷]

Esta proposição encontra paralelo no *Zohar*, onde se lê:

Rabi Iehudah abriu [seus ensinamento] e disse [citando um versículo]: «E voltou então Hizkiáhu seu rosto contra a parede e orou ao eterno.»⁸ (Isaías/Ieshaiáhu, 28:2). Eis aqui que [já] foi explicado que uma pessoa não deve rezar senão junto a uma parede, e que não deve existir algo que se interponha entre ele e a parede, tal como está escrito: «E voltou então Hizkiáhu seu rosto contra a parede e orou ao eterno.» (...)

Senão que o mistério do assunto é o que foi ensinado [que] Hizkiáhu, nesse tempo, não estava casado, e não tinha mulher e não havia tido filhos. (...)

Porque todo o que não se esforça neste mundo em ter filhos, não existe no Mundo Vindouro e não terá uma porção Nesse Mundo. E sua alma é expulsa do Mundo [das Almas] e não encontra sossego neste mundo.⁹

Sabemos que Pico della Mirandola teve acesso ao *Zohar*. Ele e muitos humanistas do Renascimento estudaram o hebraico e o aramaico. Ademais, por essa época, a edição em latim do *Zohar* realizada por Elias Levi estava disponível aos interessados. Entretanto, o interesse precípua desses filósofos

⁷ MIRANDOLA, Pico della. *Conclusões mágicas e cabalísticas*. Montevideo: Soilen, 1989, p. 79.

⁸ Conf. *Bíblia Hebraica*. São Paulo: Sefer, 2006, p. 426.

⁹ *El Zohar*. [Vol. VIII]. Barcelona: Obelisco/Proyecto Amós, 2009, p. 146-147.



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

renascentistas era produzir uma justificativa do cristianismo através da cabala judaica e “Pico acreditava ser o primeiro autor cristão a fazer menção explícita à cabala hebraica”, afirmam os tradutores das teses filosóficas deste “cabalista cristão”, se me permitem a liberdade usar esta expressão, ainda que antinômica.

Outra tentativa de “traduzir” a Cabala judaica para uma linguagem cristã foi realizada por Francisco Manuel de Melo, que nasceu em 1608 e morreu no mesmo ano da apostasia de Shabetai Tzvi, em 1666.

No ano de 1724 foi publicada, em Lisboa, sua obra póstuma intitulada *Tratado da Ciência Cabala ou Notícia da Arte Cabalística*. Na introdução, as primeiras palavras do autor foram dedicadas a louvar a “glória da Nação Portuguesa [por] possuir tão puramente a santíssima Fé Católica”. Parece desejar eliminar, com essas palavras, quaisquer suspeitas de heresia ou apostasia.

O autor explica a razão do seu tratado: “Sucedeu há pouco tempo a reclusão de certos estrangeiros aos cárceres do Santo Ofício, e achando-me por aqueles duas numa conversação de homens sábios (...) se veio ali a falar (...) da Ciência Cabala.”¹⁰ Diante do desconhecimento dos dialogantes em relação ao tema, e como resultado da instância desses *homens sábios* que nada sabiam de Cabala, Francisco Manuel de Melo resolveu escrever este livro.

No capítulo XIV, intitulado *Da virtude das palavras*, o autor discorre sobre o poder das palavras, que qualquer estudioso da Cabala judaica conhece.

Em seguida, discorre sobre os nomes, as letras e os números. Adverte o autor que sua intenção “nesse grande trabalho” foi o de “mostrar a vaidade e o perigo que há no uso moderno desta Ciência [Cabala]”.¹¹

Por estas vias – a filosófica de Pico della Mirandola; e a místico-especulativa, de Francisco Manuel de Melo – a Cabala se introduziu no mundo cristão. Supomos que por caminhos ainda desconhecidos, a Cabala

¹⁰ MELO, Francisco Manuel de. *Tratado da Ciência Cabala*. Montevideo: Soilen, 1989, p. 19.

¹¹ MELO, op. cit., p. 126.



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

impregnou a imaginação do cristianismo popular nordestino, muito propenso aos encantos do mundo invisível.

Podemos aventar hipóteses sobre os misteriosos sendeiros pelos quais fragmentos da Cabala foram disseminados no Nordeste do Brasil. Acredito que podem ter sido por três caminhos distintos. Uma possibilidade é que extratos da Cabala, transmitidos pela tradição oral, tenham sobrevivido na memória arcaica e por vezes inconsciente dos luso-nordestinos, através da população de cristãos-novos, judaizantes ou não, que impregnaram a cultura popular de elementos símbolos provenientes do judaísmo.

Algumas vezes, os símbolos são gráficos como a *Maquem David* (estrela de David ou signo de Salomão); outras vezes aparecem nas regras de matrimônios preferenciais (endogâmicos e poligínicos, como sói acontecer no sertão), e no mais das vezes como hábitos atávicos destituídos da consciência de sua judaicidade intrínseca (abençoar pousando a mão na cabeça, rezar voltado à parede, filho fechar os olhos do pai falecido, não contar os animais, não comer nervo ciático, cobrir espelhos da casa e esvaziar água dos potes após falecimento de parente, colocar pedras sobre o túmulo quando se o visita *et coetera*).

Em cada um desses atos há uma explicação cabalística. O santo *Zohar* é constituído por explicações místicas das *parashot*, ou seja, das porções semanais da *Torah*. Como vocês sabem, a *Torah* (ou Pentateuco) é dividido em 54 porções semanais, que são lidas na Sinagoga durante o *shabath*. O costume de ser responsabilidade do primogênito o ato de fechar os olhos do pai – hábito que ainda existe nos sertões, transmitido por tradição oral – tem sua origem numa interpretação de um versículo bíblico exposto no santo *Zohar*, onde se afirma que:

no momento em que um homem abandona o mundo, a alma [*nefesh*] é guardada com ele. E antes de saída da alma, os olhos do homem observam o que observam [a imagem da *Shekhinah*]. Tal como está escrito: «[Disse Ele: não poderás ver Meu rosto]

pois nenhum ser humano pode me ver e viver» (Êxodo, 33:20). Em sua vida não pode ver, mas em sua morte pode ver [a imagem da *Shekhinah*]. E [por isso] seus olhos permanecem abertos por essa imagem que viu [pois gozou do prazer desta visão] e os que se encontram junto a ele devem pousar suas mãos sobre seus olhos e fechar seus olhos.

E devido a isto aprendemos com respeito ao mistério da conduta das pessoas, que quando seus olhos permanecem abertos devido à imagem gloriosa que observou [a *Shekhinah*], se merece ter um filho [então] seu filho tem preferência para pousar suas mãos sobre seus olhos [e fechá-los], tal como está escrito: «e Iosef (José) colocará suas mãos sobre teus olhos».¹²

No Nordeste também podemos perceber reverberação da religião judaica na obediência à proibição de comer nervo ciático. Trata-se de um costume amplamente difundido nos sertões nordestinos, onde a carne para ser considerada “limpa” deverá ter sido submetida à extração do nervo ciático.

Esta proibição está na *Torah* (“Por isso não comem os filhos de Israel o tendão encolhido que está sobre a juntura da coxa, até este dia, pois [o anjo] tocou na juntura da coxa de Jacob, no tendão encolhido”¹³) e sua explicação cabalística encontra-se no *Zohar*, segundo o qual:

[A *Torah* especifica um preceito negativo que surge desta passagem bíblica:] «Por isso os filhos de Israel não comem o tendão encolhido (...) pois [o anjo] tocou na juntura da coxa de

¹² *El Zohar* [Vol. VIII]. Barcelona: Obelisco/Proyecto Amós, 2009, p. 129.

¹³ *Torá – A lei de Moisés* [Gênesis, 32:33]. São Paulo: Sêfer, 2001, p. 95-96. Tal proibição encontra-se consignada no *Tariag Ha-Mitzvoth*, de Moisés Maimônides, no Preceito Negativo 183, referente a não comer “guid hanassé”: “Por esta proibição somos proibidos de comer os tendões encolhidos. Ela está expressa em Suas palavras ‘Por isso não comem os filhos de Israel o tendão encolhido’. Todo aquele que comer o tendão todo, ainda que ele seja pequeno, ou o equivalente ao tamanho de uma oliva, será punido com o açoitamento.” MAIMÔNIDES, Moisés. *Os 613 Mandamentos: Tariag Ha-Mitzvoth*. São Paulo: Nova Stella, 1990, p. 277.



Jacob, no tendão encolhido» pois inclusive seu aproveitamento está proibido, inclusive dá-lo [como alimentação] a um cachorro. E por que é chamado *guid hanassé*? É porque [o significado da raiz está desta palavra ensina que] é um tendão que faz esquecer [*menashé*] aos homens do serviço de seu Senhor. E [é porque exatamente] ali o Instinto do Mal se encontra.¹⁴

Outro exemplo de mitologia popular nordestina articulada com a cabala judaica é a crença arraigada entre os sertanejos segundo a qual a pessoa que vai morrer ouve um pássaro (coruja ou bacurau) piar por cima da cumeeira da casa, “rasgando mortalha”, como se diz no interior. Isso ocorre porque o pássaro traz a notícia da morte de alguém que vive no local, como está consignado no santo *Zohar*, onde se lê:

Disse Rabi Iosei: quando se aproximam os dias [da morte] do homem, trinta dias [antes de sua morte], proclamam acerca dele no mundo [que chegou sua hora de morrer]. E inclusive os pássaros [que voam debaixo] dos Céus, proclamam acerca dele.¹⁵

O *Sefer ha-Zohar* ou *Livro do Esplendor* busca realizar uma interpretação profunda da *Torah* e oferece explicações místicas para cada *parashá*, cada versículo, cada palavra, cada letra e número correspondente, que constam do livro sagrado escrito por Moisés. O que o rabino Moisés de León (1240-1305) fez, a partir da antiga tradição escrita e oral que remonta ao rabino Shimon Bar Yohai, foi oferecer uma releitura mística da Bíblia hebraica.

Então, o *Zohar* é a hermenêutica atribuída a Shimon Bar Yohai. Este rabino viveu sob domínio romano no segundo século da era atual e consignou

¹⁴ *El Zohar* [Vol. VI]. Barcelona: Obelisco/Proyecto Amós, 2009, p. 55.

¹⁵ *Idem*, op. cit., p. 57.

na sua obra ensinamentos metafísicos que aprendeu com o profeta Elias. Neste sentido, o *Zohar* “descreve a realidade esotérica subjacente na experiência cotidiana” porque “o real significado da Torah consiste em seus segredos místicos.”¹⁶

Portanto, o *Zohar* é imprescindível!

Entretanto, não é o *Zohar* o livro que dá origem à Cabala. Existem duas obras fundacionais.

O primeiro é o *Sêfer Ietsirá* ou *Livro da Criação*, atribuído ao patriarca Abraham. A importância desse livro é imensa na mística judaica. A primeira edição deste livro foi publicada em Mântua, no ano de 1562, por Iacob ben Naftali Gazolo.

Na introdução ao *Sefer Ietsirá* o rabino Arie Kaplan afirma que, segundo alguns comentaristas “Abraham usou, de fato, os poderes do *Sefer Ietsirá* para criar pessoas. Este seria o exemplo mais antigo do uso do *Sefer Ietsirá* para se criar um Golem.”¹⁷

Voltaremos a falar do Golem, no final desta conferência, na resolução do mistério deixando por Ariano Suassuna no *Romance d’A Pedra do Reino*.

O segundo livro que antecede o *Zohar* é o *Bahir* ou *Livro da Iluminação*, cuja autoria é atribuída ao rabino Nehuniá ben HaKana, sábio talmúdico do século I da era atual. Este livro teve sua primeira edição impressa no ano de 1651, em Amsterdã.

No estudo introdutório ao *Bahir*, o rabino Kaplan afirma:

Embora o *Bahir* seja o principal texto da Cabala, não emprega essa palavra [cabala], preferindo o termo mishnaico *Maasé Merkavá*, que significa literalmente “Mistérios da Carruagem”, em referência à visão de Ezequiel. Diz que sondar esses

¹⁶ UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 273-274.

¹⁷ KAPLAN, Arie. Introdução. In: *Sêfer Ietsirá: o Livro da Criação – teoria e prática*. São Paulo: Sêfer, 2002, p. 20.



mistérios é tão aceitável quanto a oração, mas adverte ser impossível fazê-lo em errar.¹⁸

Coloca-se, assim, a questão axial de saber sob que autoridade a transmissão oral é realizada. Gershom Scholem afirma que “o misticismo implica, por sua própria natureza, o perigo de um incontrolado e incontrolável desvio em face da autoridade tradicional.” Daí a necessidade de um guia espiritual “sem o qual o místico corre o perigo de perder-se na selva da aventura mística.”¹⁹

Em outra obra, Scholem recorda que Abuláfia afirmava a necessidade de um mestre humano e um divino, podendo passar sem o primeiro: “Abuláfia supõe que seus próprios escritos possam eventualmente substituir um contato imediato entre o discípulo e o mestre, mas de forma alguma se pode dispensar o mestre espiritual que confronta o homem nos portões secretos de sua alma.”²⁰

Entretanto, seguir o mestre não é garantia eficaz de êxito, na seara mística, pois, como ensina Scholem: “Cada Justo encontra o seu próprio caminho e segue por uma via em que a força de vida flui de cima para baixo. Pelo caminho que o Justo abre, podem também outros seguir.”²¹

Por outro lado, Scholem lembra que a imitação não é correta, para não sermos iguais àqueles que imitaram o Rabi Shimon ben Iochai, mas isso de não lhes serviu para nada.

Scholem se refere a um trecho do tratado *Berachot*, onde se lê: “Abaie disse: Muitos fizeram como [ensina] Rabi Ishmael e tiveram êxito, [e muitos outros fizeram] como [ensina] Rabi Shimon ben Iochai e não tiveram êxito.”²²

Estou insistindo neste ponto da transmissão oral ou escrita da Cabala, porque inexistente uma linha evolutiva vinculando a Cabala judaica aos

¹⁸ KAPLAN, Aryeh. *O Bahir: o Livro da Iluminação*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 19.

¹⁹ SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 26-27.

²⁰ SCHOLEM, Gershom. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 142.

²¹ SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e a mística judaica*. Lisboa: Dom Quixote, 1990, p. 119.

²² *El Talmud*. Tratado de Berajot (II, 35b). Jerusalem: Alef-Jojma / Madrid: Edaf, 2006, p. 122.

fragmentos etnográficos da mística judaica que foram incorporados à cultura e a religião popular nordestina.

Existe a possibilidade de que hábitos judaicos provenientes da *agadá* – tradições e crenças populares judaicas – tenham migrado para o Nordeste junto com os cristãos-novos, o que explicaria a tendência messiânico-sebastianista dos nordestinos posto que a “base homilética da *agadá*” inclui “parábolas, contos populares, polêmicas e especulações sobre a redenção e o Messias.”²³

O certo é que “tradições populares dos anjos e demônios emergiram da *agadá*, e suas imagens tiveram particular influência sobre os místicos da Cabala.”²⁴

Interessante observar que tanto o messianismo – ainda que de caráter sebastianista – e as crenças disseminadas no Nordeste relacionadas a anjos e demônios poderiam indicar a dispersão fragmentária de elementos cabalísticos na cultura popular nordestina.

Euclides da Cunha, do alto do seu etnocentrismo everéstico, oferece uma descrição da religiosidade sertaneja. Segundo ele, o sertanejo “está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante (...) deixando-se facilmente arrebatado pelas superstições mais absurdas. (...) A sua religião é, como ele, mestiça.”²⁵

Nesse caldo de cultura, vicejou o sebastianismo que eclodiu em sua forma mais crua na guerra total de Canudos.²⁶

Antes, porém, cobrou tributo de sangue no Paraíso Terreal da Pedra do Rodeador²⁷, no ano de 1920 em Bonito, e no reino da Pedra Bonita, em São José do Belmonte, ambas as cidades localizadas em Pernambuco.²⁸

²³ UNTERMAN, op. cit., p. 15.

²⁴ UNTERMAN, *ibidem*.

²⁵ CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. [30ª ed.] Rio de Janeiro: Dom Quixote, 1981, p. 96.

²⁶ Vide OTTEN, Alexandre. “*Só Deus é grande*”: a mensagem religiosa de Antonio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1981, p. 96.

²⁷ Conf. CABRAL, Flávio José Gomes. *Paraíso Terreal: a rebelião sebastianista na serra do Rodeador – Pernambuco - 1820*. São Paulo: Annablume, 2004.

²⁸ Em GODOY, Márcio Honório de. *Dom Sebastião no Brasil: a rebelião sebastianista na serra do Rodeador – Pernambuco - 1820*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2005.



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Na medida em que o sebastianismo foi o refúgio espiritual do messianismo judaico, é lícito considerar que o Nordeste concentrou as três eclosões de sebastianismo mais importantes da história pátria: Canudos, Pedra do Rodeador e Pedra Bonita.

Moisés do Espírito Santo deriva o sebastianismo do messianismo. Diz ele: “Estamos certos de que a corrente messiânica chamada sebastianismo deriva, não da esperança de regresso do rei, que morreu no deserto africano, mas do culto português do divino mártir” – aquele que morreu cravejado de flechas por ordem do imperador Diocleciano. Mas, para esse autor português, o culto a São Sebastião é uma expressão da fé judaica porque “a ressurreição do herói é uma esperança messiânica do judaísmo popular” daí conclui que o culto deste santo católico foi, na verdade, criptojudaico.²⁹

Outra hipótese aventada pelo mesmo autor nos remeterá a um dos caminhos pelos quais a Cabala, em uma expressão messiânica, poderá ter penetrado no Nordeste do Brasil.

Diz Moisés do Espírito Santo a respeito das hipóteses sobre o sebastianismo: “A esta confusão deve ter-se agregado ainda outra, mais teológico-mística: [uma] corrente profética chamada sabatiana: acreditava-se na vinda de um messias [de nome] Sabbatai Zevi, um profeta extático.”³⁰

No mundo judaico surgiram muitos candidatos ao título de messias. Dentre eles, o mais importante foi Sabatai Tzvi (1625-1676). Após transtornar o mundo judaico e, inclusive, ter lançado raízes em Pernambuco através de judeus luso-holandeses, como atesta Arnold Wiznitzer, Sabatai “seguiu para Constantinopla na esperança de submeter o sultão Mehemed IV, do Império Otomano. Sabatai pretendia que o sultão lhe cedesse o trono. Este sultão mandou prender Sabatai e, não satisfeito, fê-lo converter-se ao Islã. Sabatai Tzvi não teve dúvidas. Entre ser queimado vivo ou ter a cabeça separada do

²⁹ Conf. ESPÍRITO SANTO, Moisés. *Origens orientais da religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988, p. 180-181.

³⁰ Idem, ibidem. Sobre este “profeta extático”, leia-se, de SCHOLEM, Gershom. *Sabatai Tzvi o Messias místico*. [3 vols.] São Paulo: Perspectiva, 1995-1996.

corpo pelo fio da cimitarra otomana, preferiu uma terceira opção: apostasiou a religião judaica, adotando a fé islâmica e o nome de Mehmet Effendi.”³¹

Acontece que a influência de Sabatai Tzvi havia se espalhado por todas as comunidades judaicas, inclusive a de Amsterdã. Arnold Wiznitzer afirma que Isaac Aboab da Fonseca, rabino da Sinagoga Kahal Zur Israel, na época da ocupação holandesa em Pernambuco, era “**um dos principais adeptos do falso messias Sabatai Tzvi.**”³²

Outros autores compartilham a mesma opinião. José Antonio Gonsalves de Mello dirá, em *Tempo dos Flamengos*, que “muitos [dos judeus radicados no Pernambuco holandês] eram adeptos de Sabbathau Zevi.”³³ No que concorda Alberto Dines, atestando tal influência ao revelar que o “rabino Aboab da Fonseca, em Amsterdã, assinou uma carta de apoio a Zevi.”³⁴

Não será fantasioso pensar que o rabino Isaac Aboab da Fonseca tenha conservado sobre Sabatai Tzvi com sua comunidade judaica, a Congregação Rochedo de Israel, instalada no Recife holandês. Da sua comunidade participavam não só judeus provenientes da Holanda. Foram muitos os cristãos-novos que viviam em Pernambuco sob o signo do medo da Inquisição. Vários deles passaram abertamente ao judaísmo durante a ocupação holandesa. Portanto, a pregação de Aboab da Fonseca atingiu almas aflitas, sequiosas da redenção messiânica.

Com a expulsão dos holandeses, em 1654, o ódio ao cristão-novo que abandonou o catolicismo e retornou ao judaísmo dos seus antepassados ficou ainda maior porque à “heresia judaica” acrescentou o crime de “traição à pátria”. Devido ao temor de represálias, quem não conseguiu fugir para o

³¹ SOBREIRA, Caesar. *Nordeste Semita*: ensaio sobre um certo Nordeste que em Gilberto Freyre também é semita. São Paulo: Global, 2010, p. 48. O nome do sultão consta em SCHOLEM, Gershom. *Sabatai Tzvi o Messias místico*. [Vol. II] São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 111 *et passim*.

³² Conf. WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil colonial*. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1994, p. 150.

³³ Conf. MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. [3ª ed.] Recife: Massangana/INL, 1987, p. 187.

³⁴ Conf. DINES, Alberto. *Vínculos de fogo*: Antonio José da Silva, o Judeu, e outras histórias da inquisição em Portugal e no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.230.



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

exterior, deve ter adentrado nos sertões profundos se misturando com a população local.

Esta seria uma possibilidade a ser examinada por uma etnografia que realize um levantamento sobre as heranças da mística judaica nas crenças populares do Nordeste brasileiro.

Tais heranças fragmentárias da Cabala podem ter sofrido processo de síncrese com atavismos cristãos misturados a práticas mágicas e propiciatórias presentes no catolicismo popular sertanejo, tais quais rezas fortes, confecção de amuletos e devoções a líderes místico-carismáticos.

Das rezas fortes basta lembrar a oração da Pedra Cristalina, que Lampião carregava consigo e hoje se encontra no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Cópias dessas orações constam do livro *Estrelas de couro: a estética do cangaço*, onde também reproduz o *signo-de-salomão* que a é estrela hexagonal.³⁵

Algumas dessas orações eram acondicionadas em invólucro de couro ou tecido e utilizadas como se fosse uma *mezuzah* portátil, embora tivesse a forma mais próxima a um patuá.

Segundo a opinião de Frederico Pernambucano de Mello, o cangaceiro através do seu vestuário “satisfez seu anseio de arte – a um tempo, de conforto místico – dando vazão aos motivos profundos do arcaico brasileiro.”³⁶

Em relação *signo-de-salomão*, é curioso destacar que a iconografia popular representa Lampião ostentando chapéu de couro adornado com a estrela hexagonal. Entretanto, a documentação fotográfica do capitão Virgulino Ferreira não corresponde à reprodução iconográfica. Lampião possuía um cantil que tinha uma estrela de seis pontas estilizada, mas seus chapéus apresentavam variações de octógonos ou de florais em forma de cruz. Outros cangaceiros utilizavam florais hexagonais e um deles, Canário,

³⁵ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Estrelas de couro: a estética do cangaço*. São Paulo: Escrituras, 2010, p. 62-63.

³⁶ IDEM, op. cit., p. 194.



ostentava no enorme chapéu a estrela de David, denominada na cultura sertaneja como *signo-de-salomão*.³⁷

Em relação à possibilidade de a Cabala ter chegado até o Nordeste do Brasil, isso não seria impossível. Nathan Wachtel, na obra *A fé La lembrança*, admite a hipótese de a Cabala ter se difundido entre cristãos-novos judaizantes da América do Sul e do México.

No capítulo dedicado a Francisco Maldonado de Silva, queimado em Lima por ocasião do auto-de-fê de 1639, Wachtel acredita que de alguma forma Francisco Maldonado entrou em contato com a Cabala pois “seria bem surpreendente que Francisco Maldonado de Silva jamais tivesse conhecido Jacob Nazir e Lunel [sec. XII] e as tradições cabalísticas.”³⁸

Em outro capítulo dedicado à Leonor Núñez, presa pela Inquisição do México em 11 de outubro de 1634, Wachtel compara a dimensão carnal da religiosidade marrana do México às “práticas de certos grupos judeus heréticos, particularmente os formados pelos fiéis do movimento messiânico de Sabbatai Zevi.”³⁹

E apressa-se em afirmar que se a influência não se exerceu de forma direta, de todos os modos “as interpretações sabatianas inscrevem-se no prolongamento de uma tradição mais antiga, ligada aos cabalistas da escola de Safed e que se expandiu, desde o fim do século XVI, nos meios judeus do mundo antigo.”⁴⁰

Em outra obra, inédita no Brasil e dedicada totalmente ao Nordeste, Nathan Wachtel testemunha que:

“Une mémoire marrane encore vivant se perpetue obstinément au Brésil, plus de cinq centes ans après la conversion forcée,

³⁷ IDEM, op. cit., p. 79-89, 110, 117, 174, 206-207 e 215.

³⁸ WACHTEL, Nathan. *A fé na lembrança: labirintos marranos*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 79.

³⁹ IDEM, op. cit., p. 152.

⁴⁰ IDEM, ibidem.



jusque dans les terres arides du Nordeste, dans le lointain et mythique *sertão*.”⁴¹

[Uma memória marrana ainda vida se perpetua no Brasil, mais de 500 anos após a conversão forçada, mesmo nas terras áridas do Nordeste, no sertão distante e mítico.]

Mais adiante completa seu argumento, dizendo que:

“les nouveaux-chrétiens jouent encontre un role éminent dans ce vaste mouvement d’expansion, comme en témoigne aussi la formation d’une culture populaire *sertaneja* comportant bien des traits hérités d’influences judaïsantes.”⁴²

[os cristãos-novos continuam a desempenhar um papel de destaque neste vasto movimento de expansão, como também evidenciado pela formação de uma cultura popular sertaneja que incorporou traços herdados de influências judaizante.]

Entretanto, nesta vasta obra sobre judaísmo e criptojudaísmo no Nordeste, Nathan Wachtel não faz referência direta às possíveis influências cabalísticas ou criptocabalísticas no sertão nordestino. Temos que continuar procurando o elo perdido...

Até mesmo Gilberto Freyre sublinhou a mística penitencial dos nordestinos ao destacar “certas tendências do caráter do sertanejo puxando para o ascetismo”.⁴³ Na sua obra *Sobrados & Mucambos*, Gilberto Freyre escreveu que: “O Recife judaico-holandês tornou-se o maior centro de

⁴¹ WACHTEL, Nathan. *Mémoires marranes: itinéraires dans le sertão du Nordeste brésilien*. Paris: Seuil, 2011, p. 11.

⁴² IDEM, op. cit., p. 22.

⁴³ Conf. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1). [27ª. ed.] Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 376.



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

diferenciação intelectual da colônia (...). Nesse Recife (...) estudou-se e escreveu-se nas sinagogas um hebreu diverso do manchado e gasto pela boca dos Ashkenazin: o velho e aristocrático hebreu guardado em toda sua pureza pelos rabinos de barba preta e olhos tristes que a Congregação de Amsterdã mandara para Pernambuco. [No Recife holandês] adorou-se o Deus de Israel; praticou-se o Judaísmo. E é possível que até a Cabala, tão a gosto dos sefardins de imaginação mais ardente”, destacou o mestre de Apipucos.⁴⁴

Por fim, para encerrar esta longa introdução e antes de adentrarmos na exposição analítica do *Romance d'A Pedra do Reino*, quero destacar um episódio que sugere o conhecimento prático da Ciência Cabala, como a designava Pico della Mirandola.

Na verdade, existem inúmeras Cabalas, representadas por escolas especulativas e escolas práticas. Ambas utilizam o Santo Nome de Deus – o Tetragrama – para realizar suas meditações ou suas ações, conforme a filiação a uma ou outra corrente cabalística. Neste sentido, a Cabala seria a ciência do Nome de Deus. Na cabala de Isaac Luria, poder-se-ia identificar o que poderíamos chamar de cabala da oração.

Através da aplicação prática ou *Kabalá ma'asit*, poder-se-ia criar o Golem. A lenda atribui a criação de um Golem a dois rabinos da Espanha medieval, Salomão ben Judá Gabirol (1021-1058) e Abraham ben Meir ibn Ezra (1092-1167). O rabino de Praga também teria criado um golem em 1588, tema transformado em romance por Gustav Mayrink. Outra lenda atribui ao rabino Elia de Chelm a criação de um golem a partir das informações contidas no *Sefer Ietsirá*.

Além disso, a Cabala tem uma forte tradição de anjos e demônios; em consequência, produz talismãs e amuletos visando solicitar ajuda dos primeiros e proteção contra os segundos. Também a oniromancia ou interpretação dos sonhos faz parte da Ciência Cabala.⁴⁵

⁴⁴ Conf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2)*. [8ª. ed.] Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 320-321.

⁴⁵ Conf. TRYON-MONTALEMBERT, René de & HRUBY, Kurt. *La Cabbale et la tradition Judaïque*. Paris: Culture, Arte, Loisirs, 1974.

Um episódio ocorrido ao final da guerra contra os sebastianistas da Pedra Bonita ilustra muito bem o poder da palavra, tão a gosto da Cabala judaica.

Agora, vejam só o que aconteceu em Pedra Bonita: no depoimento de um dos sobreviventes, José Gomes, narra os casamentos, o uso do “vinho encantado” (manacá e jurema), os cachimbos que davam poderes de vidente (cannabis sativa?) e dos sacrifícios de humanos e de animais. Durante o casamento, o oficiante “**pronunciava palavras cabalísticas**”, afirma Valdemar Valente, em seu estudo sobre misticismo e religião no Nordeste.⁴⁶

“Tudo depende da palavra”, afirma o *Zohar*.⁴⁷ Uma *midrash* conta que Moisés, quando ainda era um príncipe da casa do Faraó, matou o egípcio apenas com o poder da palavra, utilizando o Nome de Deus de 42 letras. No *Portal das Transmigrações*, este poder (utilizado por Moisés e pelo profeta Elishá também) está descrito com estas palavras: “Do mesmo modo que Moshé, de abençoada memória, usou o nome de 42 letras para matar o egípcio”.⁴⁸

Quando o arraial foi atacado e destruído pelas forças policiais em 1838, o seu fundador e primeiro rei, o *profeta* João Antônio dos Santos, já não participava dos eventos, pois havia abandonado a comunidade dois anos antes. Mesmo assim foi preso em Serra Talhada, onde estabelecera residência. Consta do processo sobre o *Reino Encantado* que, quando a tropa escoltava João Antonio dos Santos, ao passar diante de uma lagoa nas proximidades do arraial, o *profeta* começou a entoar uma canção (encantada?)

⁴⁶ Conf. VALENTE, Waldemar. *Misticismo e religião: aspectos do sebastianismo nordestino*. [2ª ed.] Recife: Asa, 1986, p. 56.

⁴⁷ *El Zohar*. Parashá Vaieji [Vol. VIII, 227b]. Barcelona: Obelisco/Proyecto Amós, 2009, p. 142.

⁴⁸ Conf. LURIA, Rabino Isaac [Ari HaKadosh]. *Shaar Haguilgulim*. Tradução e comentários: Rabino Joseph Saltoun. São Paulo: Meron, 2014, p. 216 e 275. O texto luriânico prossegue dizendo que esta técnica também foi usada pelo profeta Eliseu: “Elishá usou o nome de 42 [letras] e matou 42 crianças, como é mencionado no Zohar.” Em relação ao profeta Eliseu, a *Bíblia* relata que ele “subiu dali a Bet-El e, no caminho, uns meninos saíram da cidade e zombaram dele, dizendo-lhe «Sobe, calvo! Sobe, calvo!». E ele se virou para trás, os viu e os amaldiçoou o Nome do Eterno. Então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram 42 daqueles meninos.” *Bíblia Hebraica*. [2 Reis, 2:23-24]. São Paulo: Sêfer, 2006, p. 367.



que provocou mal-estar físico nos oficiais de justiça, **causando a morte de um deles.**

O relato do cabo que comandava o destacamento é revelador:

Ao nos aproximarmos do lago de Vila Bela, o preso começou a cantar uma melodia desconhecida, **cujas palavras não entendemos porque não era língua de cristão.** Os oficiais do Sr. Juiz caíram de seus cavalos e eu mesmo comecei a passar mal. Então disparei, junto com os soldados, contra João Antonio, e só quando ele morreu é que pude respirar e vi que escapara de morrer ali.⁴⁹

Tais palavras de encantamentos seriam aquelas “**palavras cabalísticas**” a que se referia Waldemar Valente, evocadas logo acima? Nesse âmbito, o acadêmico, o cientista, não pode oferecer explicações pois, como disse Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*, onde “nada é certo, tudo é possível”.⁵⁰

Segunda parte: referências à Cabala no Romance d’A Pedra do Reino

A presença do elemento judaico no *Romance da Pedra do Reino*, da lavra armorial de Ariano Suassuna, é absoluta.⁵¹ Permeia toda a obra, na qual o termo *paraibano* é sinônimo de judeu, sendo o próprio Ariano descendente de judeus (via cristãos-novos) por parte da família Vilar.⁵²

⁴⁹ Apud SOBREIRA, Caesar. *Nordeste Semita*. São Paulo: Global, 2010, p. 142-143.

⁵⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 244.

⁵¹ SUASSUNA, Ariano. *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. [5ª. ed.] Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

⁵² Ariano Suassuna descende, por parte de mãe, da família Villar, com ramificações no Brasil, Portugal e Holanda, sendo que membros desta família responderam a processo na Inquisição de Lisboa. Da mesma forma, sendo Vasconcellos por parte de pai, pertence a família que teve membro processado pela Inquisição de Lisboa. Conf. FAIGUENBOIM, Guilherme; VALADARES, Paulo; e CAMPAGNANO, Anna Rosa. *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes / Dictiocionary of sephardic surnames: inclusive cristãos-novos, conversos, marranos, italianos, berberes e sua história na Espanha, Portugal e Itália*. [2ª. ed.] São Paulo: Fraiha, 2004, p. 414 e 416.



ANAIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

O *Romance d'A Pedra do Reino* se inscreve na tradição de uma literatura ibero-americana caracterizada por um forte componente de cultura popular exposta através de uma narrativa que segue, ainda que de longe, o realismo fantástico que se tornou moda e modelo entre escritores hispano-americanos.

Neste romance – que Maximiano Campos comparou com a *Iliada* e a *Guerra e Paz* – Ariano trata do mito de Dom Sebastião, aquele descerebrado rei de Portugal que queria conquistar Jerusalém conquistando primeiro o Marrocos que estava ali pertinho de Portugal, mas que se deu mal, muito mal, e arrastou na sua insanidade toda a nação portuguesa (e o Brasil de *lambuja*) a prestar vassalagem à coroa castelhana.

O romance trata das aventuras e desventuras de Pedro Dinis Ferreira-Quaderna e gira em torno dos acontecimentos reais da Pedra do Reino. Na literatura delirante de Ariano, os eventos acontecem entre 1935 e 1938 e o narrador – Dom Pedro Quaderna – seria descendente do sertanejo que se declarou rei nos eventos históricos que aconteceram em Vila Bela, no distrito de Flores, em uma fazenda que hoje se localiza no município de São José do Belmonte, no sertão do Pajeú, interior de Pernambuco.

Transcorria o ano de 1836, quando um sujeito chamado João Antonio dos Santos, intitulado-se rei e profeta, começou a pregar o retorno do rei Sebastião. Assim foi implantado o *Reino da Pedra Encantada*, que quando fosse restaurado o reinado sebastianista, faria com que o pobre ficasse rico, o negro virasse branco e o feio se tornasse bonito.

Entretanto, José Antonio foi dissuadido de sua missão por um missionário predicante, de modo que abandonou seu reino encantado. Foi substituído, no exercício do reinado, pelo seu cunhado de nome João Ferreira.

Esse João Ferreira era muito esperto: implantou a poligamia como condição *sine qua non* do retorno de Dom Sebastião, e resgatou para beneplácito próprio o instituto do *jus primae noctem*, que provém do direito medieval e segundo o qual todo suserano tem direito de desvirginar as noivas em suas noites de núpcias.



Uma das pré-condições para o retorno do Rei Dom Sebastião seria através da realização de sacrifícios de seres humanos e de animais, no que remete a extratos subterrâneos da herança cultural judaica e criptojudáica no Nordeste brasileiro, pois sacrifícios humanos foram realizados durante o reino de Judá (933-587 aEA).⁵³ E os sacrifícios de animais também foram realizados em Jerusalém até a destruição do segundo Templo.

Pois bem, o *Romance d'A Pedra do Reino* narra esta estória dramática, através da qual o autor funde a realidade com a metarrealidade fantástica da literatura picaresca de Ariano.

Pedro Dinis Ferreira-Quaderna é a *persona* de Ariano, transmutado em personagem desse romance delirante. Tanto que a data de nascimento de Quaderna (16 de junho de 1897) é a mesma na qual veio ao mundo Ariano Suassuna. Portanto, aquele é alterego e máscara [*persona*] deste.⁵⁴

Logo no começo, Ariano-Quaderna afirma qualidades nada heroicas dos árabes, judeus, berberes e mouros, comparados a ciganos “meio ladrões” e “valdevinos”.⁵⁵

Ao descrever um personagem do seu romance, Ariano destaca que ele usa, no dedo indicador, “uma pedra-de-grau de Licenciado em Direito”⁵⁶, hábito “de sabor israelita” que, para Gilberto Freyre, indica herança cultural judaica.⁵⁷

Quaderna lembra que seu bisavô, o “El-Rei Dom João Ferreira” mandou degolar 53 pessoas, dentre as quais trinta crianças e lembra que, “como os Judeus, invocaram o sangue de Cristo sobre as [cabeças] deles.”⁵⁸

Quaderna afirma que tem “umas gotas de sangue judaico” herdados de sua mãe, Maria Sulpícia Garcia-Barretto, que em sendo Barretto corrobora a

⁵³ Conf. ARRUDA, J. J. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ática, 1990, p. 96. Apud SOBREIRA, Caesar. *Nordeste Semita*. São Paulo: Global, 2010, p. 141.

⁵⁴ Vide SUASSUNA, op. cit., p. 239.

⁵⁵ Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 36.

⁵⁶ Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 36.

⁵⁷ Conf. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – I)*. [27ª. ed.] Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 229.

⁵⁸ Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 63.



obra do imortal Evaldo Cabral de Melo, autor de *O nome e o sangue*, narrando diversas peripécias evasivas de Paes Barret, morgado do Cabo, que falseou sua genealogia para esconder as tais “gotas de sangue judaico” e assim ser iniciados nas Ordens militares e religiosas.⁵⁹

Crete na existência do sagrado em “tudo quanto é pedra sertaneja por aí afora”, Quaderna confirma Caesar quando este indica, em *Nordeste Semita*, a presença de vasta **litolatria**⁶⁰ nos universos judaico e sertanejo-nordestino.⁶¹

Reino litófilo, reino poligínico, praticante de um catolicismo peculiar, demasiado judaico, “que permitia a poligamia” e cujo rei João Ferreira, cognominado O Execrável, “chegou a ter o número sagrado de sete mulheres.”

Em determinado momento, Quaderna afirma que “a tradição da minha família é sempre a fundação de um Reino junto a uma Pedra, dentro da qual, prisioneiro e encantado, está El-rei Dom Sebastião, O Desejado. No Reino, domina um Catolicismo meio-maçônico e sertanejo”⁶², afirma o sugestivo personagem de Suassuna.

Em certa ocasião afirmamos:

No que interessa a uma etnografia – ou mitografia – semítico-sertaneja e judaico-nordestina, merece destaque o fascínio que as ‘artes místicas’ judaicas despertava no sertanejo nordestino. Tal fascínio pode ser observado quando Pedro Quaderna afirma ser “**dono da Chave da Cabala**”.⁶³

Além do mais, ele, Pedro Quaderna ou *dom Pedro IV*, usava chapéu de couro adornado com o **signo de Salomão**, cujo simbolismo ultrapassa o nível

⁵⁹ Leia-se, de MELLO, Evaldo Cabral de. *O nome e o sangue*: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁶⁰ Sobre a veneração de pedras, leia-se SUASSUNA, op. cit., p. 63.

⁶¹ Vide SOBREIRA, op. cit., p. 145.

⁶² SUASSUNA, op. cit., p. 69.

⁶³ SOBREIRA, ibidem.

da utilização meramente estética e cuja utilização na chamada Cabala Prática é fundamental.

Nesse delírio místico-literário, Ariano Suassuna propõe uma síntese do monoteísmo ao afirmar que a divindade sertaneja “é o mesmo Deus mouro, judaico e católico”, *Adonai*, seu Deus “judaico-tapuia e mouro-sertanejo”.⁶⁴

Sendo obra do “realismo fantástico delirante” de Ariano Suassuna, o *Romance d’A Pedra do Reino* realiza a síntese de todas as influências étnicas e culturais das quais o Nordeste é fiel representante. Essa obra é a nossa gesta civilizacional porque cristaliza as principais tendências psíquicas do *homem-sertanejo* e sua singular visão de mundo.

Ariano compara Antonio Conselheiro com “Moisés pregando pelo Sertão”. Em seguida identifica o profeta Ezequiel e o apóstolo João de Patmos como “os Conselheiros judaicos”. Diz ainda que o sertão era um verdadeiro “deserto judaico e sertanejo”. Termina afirmando que o profeta Samuel, por ser judeu, “era meio-sertanejo, meio-mouro, meio-comunista e meio-maçom.”⁶⁵

Citando a literatura de cordel, Ariano evoca a primeira estrofe do romance *O assassino da honra ou A louca do jardim*, que começa assim:

“Venha, ó Musa, mensageira

*Do **Reino de Eloim:***

Me traga a pena de Apolo

E escreva aqui, por mim,

O Assassino da Honra

ou A Louca do Jardim.”

Aqui cita-se o teônimo “Elohim” para se referir a Deus tal como aparece no Antigo Testamento, a *Torah* judaica. Em sua edição bilíngue (hebraico-português), lemos que “*Elohim* (Deus) tem, em hebraico, a forma plural, para

⁶⁴ SOBREIRA, *ibidem*.

⁶⁵ ARIANO, *op. cit.*, p. 296, 563, 566, 567, 576, 706.

indicar que Deus compreende e unifica todas as forças infinitas e eternas. E para que não se pense que são muitos deuses, o verbo *Bará* (criou) foi empregado no singular, imediatamente **depois** de Elohim.”⁶⁶

Observe-se que o comentador se equivocou porque o verbo *Bará* (= criou) foi utilizado imediatamente antes, e não depois, do teônimo singularmente pluralizado *Elohim*, que a rigor – embora incorretamente – deveria ser traduzida por “deuses”.

Segundo a mesma fonte, o exegeta Abraham Ibn Ezra (1089-c. 1164) afirmava que *Elohim* “não é nada além de um plural majestático concebido pelo homem devido às múltiplas e ilimitadas manifestações de Deus.”⁶⁷

No “Hakdamá” ou prólogo do Zohar está descrito um diálogo entre o profeta Elias e o rabino Shimon Bar Yohai (a quem Moshé de León atribui a autoria do *Sefer ha-Zohar*), no qual está relatada a origem do nome *Elohim*:

Disse-me [o profeta Elias]: Rabi Shimon, eis que o que estava oculto ante o Sato, Bendito Sejam e que revelou na **Academia do Alto** e é isto: quando o Oculto de todos os ocultos quis revelar-se, no princípio fez um ponto e este ascendeu e se transformou em Pensamento; desenhou todas as figuras e talhou todos os signos, e talhou na santa chama oculta o signo de uma figura oculta, o Santo dos Santos, edifício profundo que surge do Pensamento e que é denominado «**Quem?**» [em hebraico, **Mi**], iniciador do edifício, existente e inexistente, profundo e oculto, por seu nome não é denominado senão «**Quem?**».

Quis revelar-se e ser chamado por um nome. Revestiu-se com a roupagem preciosa que ilumina e criou a *Estes* [em hebraico, **ele**], e fez ascender a *Estes* a seu nome. Uniram-se as letras,

⁶⁶ Vide *Torah – a Lei de Moisés*. São Paulo: Séfer, 2001, p. 1.

⁶⁷ Idem, *ibidem*.

estas com estas, e completaram o Nome *Elohim*. E antes de haver criado a Estes não surgiu o nome *Elohim*.

(...) E como «**Quem?**» – *Mi* – se associou a **Estes** – *ele* – [para compor a palavra *Elohim*], assim o Nome se mantém associado de modo permanente e por este segredo perdura o mundo.”⁶⁸

Em síntese: **Quem (mi)** [são] **estes (ele)** ?

Estes são e é: **Elohim**.

Eloim do qual fala o vate nordestino quando se refere ao “*Reino de Eloim*”, na prosa arianista. E, mais adiante, Ariano Suassuna afirma vislumbrar em figuras da arte rupestre, “espirais, setas e essa espécie de cruz torta, **sinais cabalísticos** muito comuns na Arte tapuia.”⁶⁹

Muitos anos depois, o rabino Jacques Cukierkorn, percorrendo o sertão do Seridó em busca de sinais judaicos perenizados nos costumes da população, interpretou estas cruces tortas encontradas em algumas casas do deserto nordestino como sendo uma “comprovação” da existência de criptojudáismo na região.⁷⁰

Entretanto, Cukierkorn – ao contrário de Ariano – considerava cruces tortas como sinais de criptojudáismo – e não de criptocabalismo, como insinuara e ensinara o Ariano Suassuna.

Também é possível encontrar uma certa veneração por Academias que relaciona a saga suassúnica ao ideário cabalista exposto no *Zohar*. Suassuna afirmou que “o importante mesmo era entrar para alguma Academia.” E o *Zohar*, por outro lado e em inúmeras passagens, faz referências à *Academia do Alto* como já tivemos oportunidade de evocar em citação anterior.

⁶⁸ *El Zohar* [Volume I: Hakdamá – Sección de Bereshit, 2a]. Barcelona: Obelisco, 2006, p. 106-107.

⁶⁹ Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 176.

⁷⁰ Conf. CUKIERKORN, Jacques. *Retornando – Coming Back: a description and historical perspective of the Crypto-Jewish Community of Rio Grande do Norte, Brazil*. [Thesis for Ordination]. Cincinnati: Hebrew Union College – Jewish Institute of Religion, 1994.



Outra explicação para a pluralização do nome de Deus – *Elohim* – se encontra no mesmo Zohar, onde se lê que “estes anjos, os quais são denominados *Elohim* e formam parte de ***Elohim***, porém não criaram nem o Céu nem a Terra.”⁷¹

Interpretando o dragão da maldade como com a “Besta Anglo-Saxã”, a “Besta-Loura-Calibã”, em luta contra o anjo guerreiro, “o Anjo Latino-americano, o Ariel ibérico”, Suassuna evoca Ariel, o Leão-de-Deus, como o anjo da bondade em combate ao dragão malvado.⁷²

Mais adiante Ariano evoca aquela *litopirografia* realizada no monte Sinai, referindo-se a “uma coisa” que está “gravada em pedra, a fogo vivo”, como se esse tal de Quaderna fosse um novo Moisés.

Em determinado momento, descrevendo o enterro de camponeses do Sertão, Ariano reafirma um elemento etnográfico tipicamente judaico, que é o enterro direto, em terra virgem. Diz Ariano: “Chegando ao cemitério, joguem-no dentro da cova (...) diretamente no chão”.⁷³

Em uma passagem que lembra, ainda que de modo distante e transversal, algumas páginas do *Zohar*, Ariano afirma que no homem existem três fogos – ele deveria dizer forças ou tendências – que são: o sangue do fogo-sujo e da besta; o sangue do pensamento; e o sangue do espírito de santidade. “Às vezes o homem é puxado para baixo, pela besta, para o fogo-sujo (...). Mas o coração, moeda de ouro incendiada, arde, e então o homem é puxado para cima, para o anjo do fogo da santidade que voa no sol!”⁷⁴

O *Zohar* nos convida a observar “o grande poder dos pensamentos do coração – *hirur alev*” e ensina que o rei Salomão “tentou conhecer de acordo com o pensamento dos espíritos e dos demônios”⁷⁵ E termina decretando: “tudo depende da palavra”.⁷⁶

⁷¹ Idem, op. cit, p. 155.

⁷² Idem, op. cit, p. 259.

⁷³ Idem, op. cit, p. 287.

⁷⁴ Idem, op. cit, p. 313.

⁷⁵ *El Zohar* [Volume VIII: Parashat Vaieji – Sección de Bereshit, 223]. Barcelona: Obelisco, 2006, p. 109.

⁷⁶ *El Zohar*, 142 [227b].



Fazendo menção à crença popular segundo a qual os judeus teriam rabo, Ariano afirma que foram “os pernambucanos [que] inventaram essa história” de que todos os paraibanos têm sangue judaico e, conseqüentemente, parte com o Diabo, motivo pelo qual herdaram um pequeno pedaço de rabo, o cotoco, transmitido pelo sangue judaico ancestral. Isso é dito pelos pernambucanos em tom pejorativo, é verdade. Mas não deixa, também, de ser um elogio, porque, segundo eles, é o cotoco diabólico que nos torna irrequietos, ativos e astutos.”⁷⁷

Ariano diz mais, através do seu alter-ego Quaderna: confessa “com todo o orgulho judaico-sertanejo, mouro-vermelho e negro-ibérico” que no seu “osso que fica entre as duas bundas, tem uma pequena saliência, um pequeno rabo judaico-sertanejo” ao qual imagina ser maior nele que nos demais conterrâneos pois “a dose de sangue judaico que eu tenho é maior do que a dos paraibanos comuns”, afirma Ariano pela boca do seu duplo.⁷⁸

Na mística desintencionada de Ariano Suassuna existe uma semelhança entre os bens desaparecidos da “Casa da Onça Malhada”, onde seu padrinho morrera de morte misteriosa na torre fortificada, e os bens que Judá deixou em mãos de Tamar, naquele famoso episódio incestuoso narrada na *Torah* dos judeus.

No *Romance d’A Pedra do Reino* ficamos sabendo que: “A única falta que se notou em toda a ‘Casa da Onça Malhada’ foi a de três objetos (...) um anel que meu Padrinho usava às vezes, uma bengala encastoadada de ouro e um tinteiro de bronze.”⁷⁹

Já na *Torah* o posterior pagamento do sexo comprado entre sogro e nora foi garantido por três objetos que ficaram penhorados nas mãos de Tamar e foram estes: o anel-selo, o cajado e o manto.⁸⁰ Assim, temos dois objetos em comum: o anel e o cajado ou bengala.

⁷⁷Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 343 e 358.

⁷⁸Vide SUASSUNA, op. cit., p. 344.

⁷⁹SUASSUNA, op. cit., p. 366.

⁸⁰Conf. *Bíblia Hebraica*. [Gênesis/Bereshit: 38:12-30]. São Paulo: Sefer, 2006, p. 46.

O imaginário judaico-sertanejo arianista se manifesta mais uma vez quando Ariano Suassuna, pela boca de Quaderna afirma: “Os anjos, sendo ligados ao Pai (...) e à Sarça Ardente da Pedra Lispe, são seres de fogo, armados de espada e terrivelmente perigosos”.⁸¹

Ariano escreve sabendo ou sem saber o quanto de cabalístico contém esta sua afirmação. Outra passagem revela o caráter místico do escriba paraibano: “a Estrada estava povoada de bichos invisíveis – Arcanjos alvos e reluzentes, como um bando de Garças ou Cisnes de fogo, e Demônios escuros e peludos como morcegos gigantes”⁸², descreve Ariano, se aproximando cada vez mais da angeologia cabalística e da demonologia do budismo tibetano.

Ariano define Castro Alves como “uma espécie de judeu-errante brasileiro e sertanejo”⁸³, sempre cravejando nas personagens literárias e históricas as condições quase infamantes de judeu e de sertanejo. O autor insiste em dizer que pertence à etnia judaica, declarando: “eu tenho sangue judaico, como Paraibano de cotoco que sou! Assim, sou o único Escritor brasileiro a ter integralmente correndo em suas veias o sangue árabe, godo, negro, judeu, malgaxe, suevo, berbere, fenício, latino, ibérico, cartaginês, troiano e cário-tapuia da Raça do Brasil!”, proclama o alucinado criador do novo gênero literário denominado *romance heróico-brasileiro de galhofa e safadeza e de cavalaria épico-sertaneja*.⁸⁴

Crete nos poderes místicos das rezas e orações cabalísticas e presentes no catolicismo popular sertanejo, Quaderna credita a tais artinhas seu *mazal*, sua sina, sua *moira* e seu destino, dizendo: “Minha sorte foi me lembrar de Meu Padrinho Padre Cícero e da Oração da Pedra Cristalina de Jerusalém, que eu tinha trazido do Juazeiro”.⁸⁵

Confirmando a poligamia e a endogamia, características da ética sexual judaica arcaica, Quaderna pretende restaurar esses costumes atávicos na

⁸¹ SUASSUNA, op. cit., p. 401.

⁸² SUASSUNA, op. cit., p. 411.

⁸³ Idem, *ibidem*.

⁸⁴ Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 420-421 e 473.

⁸⁵ SUASSUNA, op. cit., p. 431.



religião que pretende fundar nos sertões nordestinos.⁸⁶ Neste caleidoscópio de imagens judaico-sertanejas não poderia faltar o “capítulo do incesto”, que nesta obra corresponde ao Folheto LXVI intitulado “A Filha Noiva do Pai”.⁸⁷

E nem falta comparação entre os sertões nordestinos com os desertos da terra bíblica: “Deserto do Sertão” ou “Deserto Judaico”, na peculiar toponímia ariânica.⁸⁸ Neste contexto, Quaderna confessa ter sido iniciado por seu pai, “Mestre nos Arcanos do Tarô e **dono da Chave da Cabala**.”⁸⁹ E na sua idumentária trazia os sinais exteriores de sua afiliação étnica pois usava “chapéu de couro estrelado de metal à cabeça, com **signo-de-salomão** e tudo.”⁹⁰

Vale notar que nos sertões o *signo* ou *selo de Salomão* é a estrela hexagonal mais conhecida por *Maguen David*, Escudo de David, que “aparece em amuletos cabalísticos e é encontrada entre outros padrões de desenhos mágicos judaicos da Idade Média. Acredita-se que tenha poder de proteção”, afirma Alan Unterman, no *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*.⁹¹

Ao propor a criação de uma Igreja Católico-Sertaneja, Quaderna faz o elogio do Islã, que é “uma religião deleitosa: permite que a gente mate os inimigos e tenha muitas mulheres. Em compensação, proíbe o Vinho!”, lamenta o *soberano, profeta e grão-mestre da Ordem da Pedra do Reino*, Dom Ariano-Quaderna.⁹²

Para este profeta tresloucado, sua “Divindade Sertaneja é o mesmo Deus mouro, judaico e católico.” Quaderna esclarece: “O nosso Deus é mais parecido com aquele que queimava a boca dos Profetas com uma brasa e que aparecia no Sertão da Judeia.”⁹³

⁸⁶ Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 462.

⁸⁷ SUASSUNA, op. cit., p. 467-480, especialmente p. 476-478.

⁸⁸ SUASSUNA, op. cit., p. 541.

⁸⁹ SUASSUNA, op. cit., p. 544.

⁹⁰ SUASSUNA, op. cit., p. 545.

⁹¹ UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 161.

⁹² Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 547 e 550.

⁹³ SUASSUNA, op. cit., p. 550-551.



Para Ariano Suassuna e seu *duplo*, o profeta Pedro Quaderna, o Deus sertanejo é “o mesmo Adonai judaico” a quem ele evoca nestes termos: “Ó Adonai! Ó meu Deus judaico-tapuia e mouro-sertanejo!”. Realizando a síntese do monoteísmo, Quaderna explica a diferença entre seu catolicismo sertanejo e o catolicismo romano, afirmando: “a nossa sagrada Religião da Pedra do Reino foi fundada no Deserto sertanejo da Judeia, junto às Pedras do Reino do Sinai e do Tabor!”⁹⁴

Nesta passagem ele inverteu as referências. Não é mais o Nordeste Judaico, mas é da Judeia Sertaneja que se trata. Assim, pode afirmar que dois Profetas sertanejos viveram no Deserto Judaico: o Profeta Ezequiel e o Profeta João de Patmos, a quem compara com Antonio Conselheiro.⁹⁵ Nesse delírio topo e historiográfico, verdadeiro samba do galego doido, Ariano afirma que Jesus é “filho de um Carpinteiro sertanejo”. E ao próprio Jesus o autor se refere como “aquele donzel-errante, aquele João-sem-direção do Deserto judaico”.⁹⁶

Afirma ainda que “lá na Judeia” havia cavalhadas “exatamente como aqui no Reino do Sertão”.⁹⁷ Tal crença se baseia no fato de que, segundo consta de um livro consagrado, “João conta que viu o Cordeiro abrir quatro selos e de cada selo sair um Cavalo, um branco, um vermelho, um preto e um amarelo (...) com isso fica provado que na Judeia havia Cavalhadas”. Diz mais, as Cavalhadas judaicas eram “organizadas pelo Cristo”.⁹⁸

Acreditar, quem há de?

Para Ariano-Quaderna esta Terra-Desértica era um “Sertão assírio e judaico” no qual ele buscava atingir “o Topázio de ouro de Hierosólima” ou Jerusalém. Insiste uma e outra vez que Ezequiel era “o renomado Poeta judaico-sertanejo” e que a “demência romântica do Deserto judaico e

⁹⁴ SUASSUNA, op. cit., p. 553.

⁹⁵ SUASSUNA, op. cit., p. 563 e 566.

⁹⁶ SUASSUNA, op. cit., p. 565.

⁹⁷ Idem, ibidem.

⁹⁸ SUASSUNA, op. cit., p. 566.



sertanejo” era capaz de cegar os olhos até mesmo de um sacerdote alagoano e judaico, como o padre Ferreira de Andrade.⁹⁹

Relembrando o episódio da adoração do bezerro de ouro – tão importante na metafísica judaica – Ariano critica os norte-americanos dizendo: “Hoje em dia, os Estados Unidos são uma espécie de Holanda em ponto grande – um Povo de comerciantes farisaicos e puritanos –, organizado na mais poderosa das imposturas que já se fizeram em torno do bezerro de ouro.”¹⁰⁰

No final institui a “Ordem do Templo de São Sebastião”, inspirada na famosa Ordem do Templo de Jerusalém. E o fato de ter escolhido São Sebastião, fica a dúvida sobre qual Sebastião é homenageado já que Moisés do Espírito Santo relaciona seu culto ao criptojudaísmo, ao sebaothismo e ao sabatianismo.¹⁰¹

Quase no final, Ariano Suassuna coloca na boca – mas precisamente na pena poética de Quaderna – a ideia de que Antonio Conselheiro “era o tipo de Moisés pregando pelo Sertão”¹⁰² e termina se comparando ao “meu velho e demente companheiro, o Cantador judaico-sertanejo João de Patmos” e deste modo equipara, ainda que indiretamente, o *Romance d’A Pedra do Reino* com o livro do *Apocalipse*.¹⁰³

Ou seja, pretensão pouca é bobagem!

CONCLUSÃO A MODO DE CONTRIBUIÇÃO PÓSTUMA A ARIANO

O impasse do *Romance d’A Pedra do Reino* é que Ariano Suassuna elabora problema e o deixa sem conclusão. No *Folheto IV*, denominado “O caso do fazendeiro degolado”, narra o assassinato de Pedro Sebastião Garcia-

⁹⁹ SUASSUNA, op. cit., p. 576.

¹⁰⁰ SUASSUNA, op. cit., p. 636.

¹⁰¹ Vide estas três hipóteses em SOBREIRA, Caesar (Org). *Sebastianismo & Messianismo: itinerários do Sebastianismo de Portugal a Pernambuco e o Messianismo no Brasil e no mundo*. Recife: UFRPE, 2012.

¹⁰² SUASSUNA, op. cit., p. 706.

¹⁰³ SUASSUNA, op. cit., p. 740.



Barretto, encontrado morto dentro de um aposento localizado no alto de uma torre de pedra, dentro da fazenda de sua propriedade.

O aposento era um quarto quadrado, sem janelas, construído de pedra. O fazendeiro entrou só e se trancou lá dentro. Ariano, pela boca e pena de Quaderna, coloca o problema nestes termos:

Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes, sem janelas, cuja porta fora trancada por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? (...) Bem, não posso adiantar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “centro do enigma e sangue” da minha história.¹⁰⁴

Mais adiante, Ariano volta ao problema, detalhando que seu personagem “aparecera morto, esfaqueado por assassinos cruéis e desconhecidos.”¹⁰⁵ Logo depois, mais uma informação: o personagem “estava morto, assassinado, ninguém sabe como, nem por quem. Morrera como São Sebastião. É verdade que não fora propriamente flechado, mas degolado.”¹⁰⁶

O autor continua fornecendo mais informações sobre o infortunado padrinho do Quaderna, dizendo que esta morte tinha todas as características do “grande Crime indecifrável”.¹⁰⁷ Ariano afirma que possuía as informações necessárias para escrever seu “Romance-epopeico, tendo como centro e enigma de sangue a degolação” do tio, Padrinho e pai-de-criação do Quaderna.¹⁰⁸

Mais uma vez, o personagem principal narra o homicídio: seu tio, cunhado e Padrinho, Pedro Sebastião, tinha “levado várias cacetadas na

¹⁰⁴ SUASSUNA, op. cit., p. 60.

¹⁰⁵ SUASSUNA, op. cit., p. 121.

¹⁰⁶ SUASSUNA, op. cit., p. 163.

¹⁰⁷ SUASSUNA, op. cit., p. 236.

¹⁰⁸ SUASSUNA, op. cit., p. 240.

cabeça, estava degolado, com a garganta cortada, e terrivelmente esfaqueado por todo o corpo”.¹⁰⁹

No último Folheto, de nº LXXXV, após ter insistido neste “enigma de sangue a degolação” em pelo menos seis vezes em diferentes páginas do seu romance volumoso, Ariano joga a toalha e se dá por vencido ao confessar não saber solucionar o problema, mas se justifica dizendo que é “até uma tradição dos Romances epopeicos sertanejos, isso de ficarem incompletos!”. Seu argumento principal é que José de Alencar deixou inconcluso *O Sertanejo* e *O Guarani*.¹¹⁰

E fica por isso mesmo.

Assim, Ariano Suassuna coloca ponto final no seu romance-sem-final. Neste sentido, o autor desperdiçou a possibilidade de “justificar” o mistério inexplicado – mas não inexplicável – d’*O caso do fazendeiro degolado*, responsável pelo claudicar deste romance medieval-moderno do armorial Ariano Suassuna, que o encerra deixando o “romance de crime e sangue” sem solução.

E Ariano não tem pejo em afirmar: “não vejo nada demais no fato de eu (...) parar aqui, sem contar (...) a decifração do Crime inexpliável de que foi vítima o velho Rei Degolado.”¹¹¹

Entretanto, se Ariano Suassuna fosse um leitor arguto da Cabala judaica, poderia ter apelado para dois personagens da mitologia cabalística, o *Golem* e o *Shamir*, ou para os superpoderes provenientes da técnica denominada *Kefisat Haderech*, evocado em livro clássico da Cabala judaica.

Na primeira hipótese, bastava que um inimigo do “rei degolado” fosse versado nos segredos da Cabala e utilizasse as mesmas pedras de granito com a qual a torre fora construída, para que moesse o granito de forma a torná-lo pó e com esta terra granítica criasse um Golem.

¹⁰⁹ SUASSUNA, op. cit., p. 364.

¹¹⁰ SUASSUNA, op. cit., p. 734-735.

¹¹¹ Conf. SUASSUNA, op. cit., p. 735.

Por ser da mesma matéria da torre, o Golem ficaria camuflado junto às paredes e teria entrado sem ser visto, na mesma hora em que o personagem adentrou no quarto da torre fortificada. Ali, após praticar o crime, teria esperado que a porta fosse arrombada pelo lado de fora, e saído da mesma maneira que entrou, utilizando o processo de *avurtamento* com o qual os índios da etnia *fulni-ô* desaparecem da vista dos inimigos. Tal tática consta da Oração da Pedra Cristalina e da Oração de São Jorge, onde se apela para: ***que meus inimigos tenham olhos e não me vejam.***

A segunda opção seria utilizar o *Shamir*, um verme capaz de cortar pedras e que fora utilizado por Salomão na construção do Templo de Jerusalém. O *Shamir* poderia ter aberto um minúsculo orifício através do qual entraram e saíram os anjos ou demônios, ambos feitos de fogo e que, portanto, poderiam passar pelo pequeno orifício aberto na parede. Dentro do quarto, degolaram o padrinho do Quaderna e depois saíram pelo mesmo buraco.

A terceira possibilidade seria a de um inimigo da vítima ter convocado um anjo vingador em forma humana que, através do *Kefitsat Hadérech*¹¹² – técnica que confere capacidade aos cabalistas de “transcender as limitações físicas do espaço e do tempo, e de instantaneamente aparecer em um lugar diferente”¹¹³ – entrasse e saísse do aposento fechado por dentro.

Por se tratar de literatura fantástica e fantasiosa, Ariano poderia e deveria ter encontrado uma solução para decifrar o enigma que ele próprio criou e para o qual não foi competente na resolução do mesmo. Considerando que Quaderna possuía as chaves da Cabala, os *mitemas* presentes na mística judaica seriam a solução ideal para a decifração do enigma e a finalização deste romance de 754 páginas que deixam o leitor com o sentimento de ter sido vítima de um estelionato literário.

¹¹² Vide LURIA, Rabino Isaac. *Shaar Haguilgulim*. São Paulo: Meron, 2014, p. 264.

¹¹³ Esta é a explicação do Rabino Joseph Saltoun, ao comentar o seguinte texto do *Shaar Haguilgulim*: “Por isso, até mesmo Ramban [Rabi Moshé Ben Nachman] não (...) atingiu esta sabedoria a não ser em sua velhice, como está mencionado em seus escritos, de que em sua juventude ele não acreditava nisso [na sabedoria do *Zohar*], até que o seu mestre, Rabi Azriel motivou-o a estudar isso, quando apareceu diante dele [milagrosamente], por *Kefitsat Hadérech*.” Conf. Idem, op. cit., p. 265.



ANAIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Com tal provocação, encerro esta conferência agradecendo a atenção da insigne plateia.

Por sua presença e paciência recebam minha gratidão.

Muito obrigado!

Aracaju, 05 de maio de 2015 [16 de Iyar de 5775]

1º Simpósio Nacional de Estudos Criptojudaicos

Instituto Histórico e Geográfico Sergipano

Universidade Federal de Sergipe